

ANÁLISE DE VARIEDADES DO PORTUGUÊS: A ORDEM DOS CLÍTICOS EM COMPLEXOS VERBAIS

Silvia Rodrigues Vieira
(UFRJ)

RESUMO: *Estuda-se a ordem dos clíticos em lexias verbais complexas nas variedades europeia, brasileira e moçambicana do Português oral, com base na Sociolinguística Variacionista. Considera-se a interface morfologia-sintaxe, de modo a oferecer contribuições de cunho teórico-explicativo, relativas ao estatuto do pronome átono, e prático-descritivo, por meio da descrição das normas objetivas de cada variedade.*

ABSTRACT: *This research concerns clitic order associated with complex verbal forms in three Portuguese oral varieties – Brazilian, European and Mozambican –, based on the approach of Variacionist Sociolinguistics. Morphology-Syntax interface is taken into consideration, so that theoretical explanation, relatively to the interpretation of Portuguese clitics status, and empirical description about cliticization are provided.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cliticização – Morfossintaxe – Sociolinguística.*

KEY-WORDS: *Cliticization – Morphosyntax – Sociolinguistics.*

1. Introdução

A ordem dos clíticos, abordada na literatura linguística sob diversas perspectivas, mantém-se um vasto campo de investigação, produtivo no que se refere não só ao conhecimento das variedades linguísticas, mas também à busca de respostas a questões relevantes no campo teórico-metodológico. Isto porque se trata de um tema da mais legítima interface, cuja compreensão não pode prescindir da relação entre os níveis morfossintático e fonológico.¹

Neste artigo, elegeu-se, especificamente, o estudo da posição do pronome átono – efetivamente concretizada em textos orais do Português Europeu (PE), Brasileiro (PB) e Moçambicano (PM) – em estruturas morfossintáticas que contêm complexos verbais.

Consideraram-se “complexos verbais” construções constituídas por mais de um vocábulo verbal em que o último deles é uma forma não-finita, o que engloba tradicionais locuções verbais e estruturas que configuram duas orações. Verificam-se as possibilidades de colocação dos clíticos (antes do primeiro verbo, entre o primeiro e o segundo, e depois do segundo verbo) em função das relações que o pronome estabelece com os constituintes dos complexos verbais.

Levando-se em conta o fato de que essas estruturas são pouco descritas nos estudos sobre o tema – que se ocupam, em sua maioria, das lexias verbais simples –, interessa responder à seguinte questão: *o que constitui, efetivamente, a norma objetiva da ordem dos clíticos nos enunciados com complexos verbais na modalidade oral em PE, PB e PM?*

2. Aspectos metodológicos

Para o estudo de cada variedade do Português, recorreu-se a “corpora” criteriosamente constituídos: (a) para o PE – Corpus de Referências do Português Contemporâneo (CRPC); (b)

¹ Este trabalho é parte integrante da pesquisa que trata o tema considerando os componentes morfológico, sintático e fonológico (cf. VIEIRA, 2002).

para o PM – Panorama do Português Oral de Maputo; e (c) para o PB – Norma Urbana Culta Carioca, Programa para Estudos do Uso da Língua, Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro.²

O tratamento quantitativo de 892 ocorrências de estruturas com complexos verbais, oferecidas no conjunto dos dados, foi viabilizado pelo instrumental técnico-computacional utilizado na Sociolingüística Variacionista – o pacote de programas VARBRUL.

3. As variáveis

3.1. A variável dependente

Para responder à questão motivadora deste estudo, procedeu-se ao estabelecimento dos fatores constitutivos da variável dependente, quais sejam:

- colocação pré-complexo verbal (pré-CV ou cl V1 V2)

(Ex.1) *suponho eu... claro que não **me tenho dedicado** aos problemas do ensino (PE, CRPC, inq.1378)*

- colocação intra-complexo verbal (intra-CV ou V1 cl V2)

(Ex.2) *mamãe não **podia me acompanhar**... então nem cheguei a ir (PB, NURC, inq.261)*

- colocação pós-complexo verbal (pós-CV ou V1 V2 cl)

(Ex.3) *porque posso dizer que é a partir do namoro que pode vir a manter-se um casamento rijo que dificilmente será -- **poderá divorciar-se** (PM, PPOM, inq. AM23VRA)*

Da observação dos exemplos acima, cumpre ressaltar um ponto-chave na compreensão do fenômeno, que diz respeito à possibilidade de não haver correspondência entre a posição dos pronomes no enunciado e a sua ligação fonológica. Não se pode determinar, pela simples audição dos enunciados, que, em um enunciado como < pode me dar >, o < me > esteja ligado ao < pode > ou ao < dar >.³ Assim sendo, considera-se, neste estudo, tão-somente a posição do pronome em relação ao verbo e não o parâmetro de ligação fonológica.

Submetidos à questão geral do estudo, figuram os demais pontos da investigação: (a) a composição do complexo afeta o padrão de colocação do pronome?; (b) o tempo da forma verbal flexionada interfere na ordem dos clíticos?; (c) a presença de elementos intervenientes no complexo verbal altera o padrão de ordem?; (d) os diferentes tipos de clíticos determinam padrões de ordem distintos?; (e) os “atratores” do pronome atuam em contextos com complexos verbais?; (f) caso atuem, a distância entre “atratores” e o grupo clítico-verbo interfere na ordem?

Para responder a essas questões, investiga-se a atuação das variáveis independentes, que se passa a apresentar, acompanhadas da exemplificação dos fatores, quando necessária.

3.2. As variáveis independentes

(i) Quanto ao pronome:

a) Tipo de clítico

O grupo de fatores “tipo de clítico” baseia-se na hipótese de que a configuração formal do clítico (*me, te, se, o/a(s), lhe(s), nos, vos*) pode afetar a opção do falante quanto à ordem pronominal. A constituição silábica do clítico de 3^a pessoa (do tipo V), por exemplo,

² Parte desse conjunto de dados integra o corpus do Projeto de Cooperação Internacional VARPORT – Análise contrastiva de variedades do Português (cf. página www.letas.ufrj.br/varport)

³ O parâmetro da cliticização fonológica foi investigado por meio do tratamento dos dados de um “corpus” constituído especialmente para a análise prosódica (cf. VIEIRA, 2002).

inviabilizaria determinadas posições no caso dos complexos verbais – em que a vogal do pronome pode aglutinar-se a outros segmentos sonoros do complexo, como, por exemplo, em <comecei a o observar>.

b) Função do clítico

Controlam-se os papéis sintáticos (acusativo/dativo) exercidos pelos pronomes átonos (excetuando-se, nesta variável, o pronome <se>, cujos valores são investigados em variável específica).

c) Valores do se:

Os valores tradicionalmente atribuídos à forma pronominal <se> foram controlados, no início da análise, separadamente. Com o avanço da interpretação dos resultados, consideraram-se os seguintes fatores: índice de indeterminação do sujeito/partícula apassivadora e reflexivo/inerente.

(ii) Quanto ao contexto anterior ao grupo clítico-complexo verbal

Controla-se a influência do elemento anterior ao complexo verbal – no sentido de observar se ocorre a chamada “atração” do pronome, especialmente quando o elemento e o grupo estão próximos –, por meio dos grupos intitulados “presença de ‘atrator’ na oração” e “distância entre o ‘atrator’ e o grupo clítico-complexo verbal”.

a) Presença de “atrator” do pronome

Dado o fato de haver muitas possibilidades de elementos antecedentes, procede-se, aqui, apenas à ilustração de algumas variantes, que atuaram ou não como ‘atratores’.

• Ausência de elemento “atrator”

(Ex.4) *veio um ciclista, o homenzinho vinha em sentido contrário, estava a dar-lhe o sol nos olhos, despistou-se e veio-me cair em cima do capot (PE, CRPC, inq. 109)*

• Conjunção coordenativa

(Ex.5) *veio um ciclista, o homenzinho vinha em sentido contrário, estava a dar-lhe o sol nos olhos, despistou-se e veio-me cair em cima do capot (PE, CRPC, inq. 109)*

• SN sujeito

(Ex.6) *não há triunfos sem sacrifícios a pessoa tem que sacrificar-se para triunfar! (PM, PPOM, inq. AM20ODI)*

• Conjunção subordinativa

(Ex.7) *e então quando se ia deitar primeiro que aquecesse é que/ é claro é muito frio mesmo muito frio (PE, CRPC, inq. 109)*

b) Distância entre o ‘atrator’ e o grupo clítico-complexo verbal

A variável é composta por fatores que medem tal distância de “zero” a “onze ou mais sílabas”.

(iii) Quanto à composição do complexo verbal

a) Tempo e modo verbais de V1

Todos os tempos e modos que foram encontrados no “corpus” são contemplados.

b) Forma do verbo não-flexionado

Interessa investigar se há diferentes padrões da ordem dos clíticos em função do tipo de forma não-finita (gerúndio, particípio, infinitivo). Tem-se por hipótese, para o Português como um todo, que a forma participial apresentaria menor favorecimento à variante pós-complexo

verbal, conforme sugerem a prescrição gramatical e estudos diversos sobre o tema. Haveria, ainda por hipótese, a oscilação entre as variantes de ordem no caso do infinitivo.

c) Presença de preposição/conector no interior do complexo verbal

Controlou-se a possível influência de uma preposição/conector interveniente no complexo verbal. Supõe-se que, nas variedades em que o grupo “presença de ‘atrator’ do pronome” é funcional, o elemento interveniente (*estar a lhe explicar/ tem que se preocupar*) se comportaria como uma espécie de “atrator”.

d) Presença de sintagmas no interior do complexo verbal

Controlou-se a possibilidade de outros elementos – como sintagmas adverbiais, por exemplo (*devia-se em princípio criar*) – influenciarem a ordem dos clíticos em enunciados com complexos verbais.

Acredita-se que a variável possa oferecer pistas importantes para a determinação do direcionamento do pronome quanto à cliticização. Se, numa dada variedade, se opta sistematicamente pela adjacência do pronome a V1, antepondo-o ao elemento interveniente no complexo, supõe-se que a ligação do pronome se efetive em relação a V1 e não a V2.

e) Composição do complexo verbal

Em diversos estudos sobre o assunto, atribui-se ao tipo de complexo verbal o padrão da ordem dos clíticos.

Com base nos dados da pesquisa, verificaram-se cinco tipos de complexos⁴:

• Passiva de ser (V1= verbo ser + V2 = participio)

(Ex.8) *a mãe põe-lhe a roupa -- o pai também é **lhe oferecido** o fato -- e lá tira-se o dinheiro que os pais pediram né?* (PM, PPOM, inq. CH120DJ)

Esse tipo de construção pode ser tomado separadamente por seu grau de especialização em termos sintáticos, na expressão da voz passiva.

• Tempos compostos/‘perífrases verbais’ modais e aspectuais (V1 com algum grau de esvaziamento semântico + V2 – mesmo referente-sujeito)

(Ex.9) ***temos que nos acalmar** para ter o verdadeiro prazer* (PE, CRPC, inq. 455)

• Complexos com V1 + V2 com certa independência semântica e mesmo referente-sujeito (construções com verbos volitivos/optativos ou declarativos)

(Ex.10) *veio -- pelo contrário quando se **se tentava atingir** os benefícios da extinção dessas práticas que eram consideradas incorretas* (PM, PPOM, inq. PC9GRI)

• Complexos com V1 + V2 com independência semântica e referentes-sujeito distintos (construções com verbos causativos/sensitivos)

(Ex.11) *e isto hoje **fez-me pensar... fez/ fez-me pensar...** muito* (PE, CRPC, inq. 455)

• Complexos em que V2 integra o sujeito – oracional – de V1

(Ex.12) *o único professor agüentava com tantas crianças tantas disciplinas embora hoje já estão pá cada professor pá com a sua disciplina no entanto aí **resta-nos saber** onde é que está?* incorretas (PM, PPOM, inq. AM8JOA)

4. Apresentação dos resultados: o condicionamento da variação

Registra-se a seguinte distribuição das ocorrências pelas três variantes posicionais relativas à ordem dos clíticos em enunciados com complexos verbais:

⁴ Cabe advertir que não se tem por compromisso estabelecer, neste trabalho, categorias de complexos verbais; antes, pretende-se tão-somente observar o fenômeno da ordem dos clíticos em grupos relativamente homogêneos.

Complexos verbais – Modalidade Oral						
	Português Europeu		Português Moçambicano		Português do Brasil	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
cl V1 V2	70/201	35%	86/437	20%	18/254	7%
V1 cl V2	92/201	46%	282/437	64%	229/254	90%
V1 V2 cl	39/201	19%	69/437	16%	7/254	3%

Tabela 1. Distribuição das variantes pré-CV, pós-CV e intra-CV nas três variedades do Português

A representação gráfica permite a melhor visualização da opção preferencial em cada variedade:

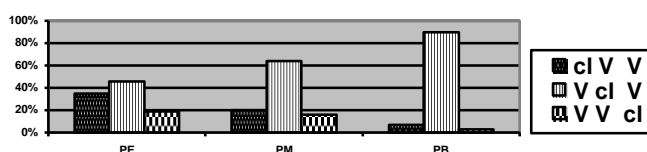


Gráfico 1. Ordem do clítico em complexo verbal em cada variedade do português

Na modalidade oral, a colocação intra-complexo verbal é a que mais ocorre nas três variedades do Português. Fica nítido que essa variante constitui a opção preferencial no PB (90%) e, de forma menos expressiva, no PM (64%). No PE, esse padrão de ordem não chega a alcançar a metade dos dados (46%), figurando em segundo lugar a colocação proclítica ao complexo verbal (35%).

Feitas essas considerações, sistematizam-se os resultados relativos aos grupos de fatores que se mostraram mais relevantes nas tabelas que se seguem⁵, de forma a tornar possível aferir o que é produtivo no condicionamento da ordem dos clíticos em enunciados com complexos verbais do Português como um todo.

4.1. Constituição do complexo verbal

Dos cinco fatores do grupo, não se podem propor maiores generalizações no que se refere à “passiva de ser” e ao “complexo em que V2 integra o sujeito (oracional) de V1”, dado o irrisório número de ocorrências. Atesta-se, apenas, que, no primeiro caso, não se realizou a variante pós-CV, fato que se associa à forma não-finita participial. No segundo tipo de complexo (*resta-nos saber*), o clítico fica adjacente a V1 quando a ele se liga sintaticamente como complemento.

Observe-se, então, o comportamento de cada tipo de complexo verbal quanto às variantes relativas à ordem dos clíticos nas três variedades.

‘PERÍFRASE VERBAL’	cl V1 V2		V1 cl V2		V1 V2 cl	
	Freq	Perc	Freq	Perc	Freq	Perc
Português Europeu	61/173	35%	80/173	46%	32/173	18%
Português Moçambicano	62/374	17%	256/374	68%	56/374	15%
Português do Brasil	12/225	5%	207/225	92%	6/225	3%

Tabela 2. Índices de frequência das variantes pré-CV, pós-CV e intra-CV em dados de ‘perífrases verbais’

⁵ Para a composição das tabelas, nem sempre foi possível apresentar os pesos relativos para todos os fatores constitutivos das variáveis, devido à seleção de grupos oferecida pelo Programa, que não se deu da mesma forma em todos os casos. De modo a tornar possível a comparação entre os “corpora”, tomam-se por base os valores percentuais, quando necessário.

A ordem dos pronomes nas chamadas perífrases verbais apresenta o mesmo comportamento atestado para o conjunto de dados de cada variedade. Este tipo de estrutura é propícia à opção prototípica assumida por cada variedade.

(i) O PE assume, em primeiro lugar, a variante intra-CV e, em último, a pós-CV. Sendo forte a atuação dos “atratores” na variedade, a variante pré-CV figura em segundo lugar.

Os dados não desmentem o pressuposto de que “as construções com auxiliares modais e aspectuais teriam os pronomes clíticos seguidos ao verbo ou ao auxiliar”, conforme MATEUS et alii (cf. 1983: 502) advogam. O que eles acrescentam é a preponderância da última opção em relação à primeira, tanto nos tempos compostos quanto nas referidas construções.

(ii) As perífrases do PB, de outro lado, apresentam a variante intra-complexo verbal como opção preferencial na maioria dos casos.

(iii) O PM assume uma posição de meio-termo entre os dois comportamentos, em relação às três variantes – a intra-complexo verbal é também a mais produtiva, estando o restante das ocorrências distribuído pelas outras duas variantes.

Acredita-se que, atuando a ‘perífrase verbal’ como uma espécie de unidade verbal (um “predicado complexo”, de fato), o quadro de opções por variedade ora sintetizado não resulta do tipo de complexo verbal em si, mas deve estar subordinado à atuação do conjunto dos grupos de fatores relevantes para o condicionamento do fenômeno.

BI-ORACIONAL COM MESMO REFERENTE-SUJEITO	cl V1 V2		V1 cl V2		V1 V2 cl	
	Freq	Perc	Freq	Perc	Freq	Perc
Português Europeu	5/14	36%	3/14	21%	6/14	43%
Português Moçambicano	4/29	14%	14/29	48%	11/29	38%
Português do Brasil	1/21	5%	19/21	90%	1/21	5%

Tabela 3. Índices de frequência das variantes pré-CV, pós-CV e intra-CV em dados de “complexos verbais bi-oracionais com o mesmo referente-sujeito”

As variedades européia e moçambicana exibem, nos complexos que contam com duas orações de mesmo referente-sujeito (verbos volitivos/optativos ou declarativos), comportamento particular no que se refere aos valores das variantes intra e pós-complexo verbal. No PE, a variante pós-CV passa a ser mais expressiva do que a intra-CV e, no PM, as duas variantes alcançam índice aproximado.

Tendo em vista as semelhanças desses complexos com as perífrases verbais – estruturas constituídas de dois verbos justapostos (um finito e um não-finito) com mesmo referente-sujeito, em relação às quais se dá, como sugerem os índices obtidos para a próclise, a mesma atuação dos “atratores” do pronome –, a particularidade na ordem dos pronomes no PE e no PM deve ser atribuída, efetivamente, ao estatuto (não-)oracional de cada verbo envolvido na construção do complexo.

Com base na análise empreendida para o complexo bi-oracional, supõe-se que os casos de variante pós-CV, que aumentam de forma expressiva nas variedades européia e moçambicana, se referem a pronomes que mantêm estreita relação sintático-semântica com o segundo verbo, na qualidade de complemento pessoal ou de pronome reflexivo/inerente. Associando-se os resultados obtidos para esse complexo aos obtidos para o “valor do *se*”, apresentados adiante, confirma-se a hipótese.

O PB, de outro lado, exhibe uma diferença muito discreta entre os índices obtidos para o “complexo bi-oracional de mesmo referente-sujeito” e os índices comentados para as ‘perífrases verbais’. Partindo do pressuposto de que o pronome figura, na maioria dos casos, anteposto à forma verbal não-flexionada dos complexos acima, não é, de fato, relevante, para a ordem dos clíticos no PB, a diferença entre os dois tipos de estrutura. A análise detalhada do “corpus” brasileiro revelou que a discreta mudança de comportamento se associa, essencialmente, aos dados do pronome <*se*> e não ao tipo de complexo verbal.

CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS/SENSITIVAS	cl V1 V2		V1 cl V2		V1 V2 cl	
	Freq	Freq	Freq	Perc	Freq	Perc
Português Europeu	3/9	33%	6/9	67%	0/9	0%
Português Moçambicano	15/24	63%	9/24	38%	0/24	0%
Português do Brasil	3/5	60%	2/5	40%	0/5	0%

Tabela 4. Índices de frequência das variantes pré-CV, pós-CV e intra-CV em dados de “construções causativas/sensitivas”

Em se tratando de complexos cujos verbos pertencem a duas orações, com sujeitos distintos, não ocorre qualquer caso de posposição do pronome complemento de V1 ao complexo. Esse clítico, na construção causativa/sensitiva, figura sempre adjacente ao primeiro verbo, nas três variedades, confirmando que a “adjacência do clítico ao verbo matriz, no caso de predicados complexos com verbos causativos ou perceptivos” (DUARTE, I. et alii, 2001) é uma característica do Português.

No que se refere aos índices obtidos para as variantes pré-CV e intra-CV, a aparente diferença de comportamento das variedades européia e moçambicana justifica-se, conforme a análise detalhada dos dados, pelo condicionamento dos demais grupos de fatores, estando os índices determinados, sobretudo, pela presença de “atratores” do pronome na oração.

4.2. Tipo de clítico/ valor do *se*

A sistematização do comportamento das variáveis relativas às formas pronominais correlaciona-se ao que se apontou na análise dos tipos de complexos.

Complexos verbais – modalidade oral ⁶			
TIPO DE CLÍTICO	PE	PM	PB
<i>me</i>	+ (.51)	+ (.46)	/
<i>nos</i>	+ (.78)	+ (.67)	/
<i>o, a, os, as</i>	+ (.95)	+ (.99)	+ (100%)
<i>lhe, lhes</i>	+ (.76)	- (.16)	/
<i>se reflexivo/inerente</i>	+ (.64)	+ (.77)	/
<i>se indet./apassivador</i>	- (.12)	- (.14)	/

Tabela 5. Condicionamento da variante pós-CV segundo a variável “tipo de clítico” em dados de complexos verbais

Quanto ao tipo de clítico, apresentam comportamento evidentemente diferenciado o clítico acusativo de terceira pessoa e o pronome <se>. As demais formas pronominais submetem-se, em geral, ao condicionamento dos grupos de fatores atuantes em cada variedade. Aparente exceção seria o índice obtido para <lhe> no PM, que, entretanto, a análise dos dados revelou estar relacionado ao tipo de complexo verbal e não ao tipo de clítico.

É quase categórica a posposição do clítico acusativo de terceira pessoa aos complexos verbais nas três variedades. As características fonéticas desse pronome – o único do tipo silábico V – constituem o elemento que o diferencia de todos os demais. A “fragilidade” sonora da forma <o/a> desfavorece a sua sustentação no interior do complexo verbal.

Levando-se em conta que a variante pré-CV é regulada, sobretudo, pela presença de “atratores” no enunciado, a possibilidade de ocorrência do pronome restringe-se à variante pós-CV, que constitui uma estratégia para a alteração do padrão silábico de V para CV (*lo/no*). Isto se confirma pelo fato de, nas três variedades, só ter ocorrido um dado de posposição do pronome <o> a uma forma verbal diferente do infinitivo. Ainda assim, o enunciado – *deixava-o*

⁶ Cabem dois esclarecimentos para a leitura dessa tabela: (i) não se exhibe o pronome <te> por motivo de insuficiência de dados; (ii) apresenta-se, para o PB, apenas o resultado obtido para os 4 dados do clítico acusativo de 3ª pessoa do “corpus”, em que se deu a variante pós-CV, a fim de viabilizar a comparação.

ficar – é do tipo “construção causativa/sensitiva”, complexo que, por sua própria constituição, impede a posposição do <o> complemento de <deixar> ao verbo <ficar> (*deixava ficá-lo*).

Quanto ao comportamento do pronome <se>, os valores obtidos na análise do grupo “valor do *se*”, relativos à aplicação da variante pré-CV, confirmam de forma sistemática os resultados acima mencionados nas três variedades:

Complexos verbais – modalidade oral			
VALOR DO <i>SE</i>	PE	PM	PB
Reflexivo/inerente	– (.21)	– (.30)	– (.36)
Indeterminador/apassivador	+ (.71)	+ (.76)	+ (.86)

Tabela 6. Condicionamento da variante pré-CV segundo a variável “valor do *se*” em dados de complexos verbais nas três variedades

De fato, o <se> reflexivo/inerente não costuma ocorrer anteposto ao complexo verbal e o <se> indeterminador/apassivador, ao contrário, concretiza-se como variante pré-CV, nas três variedades do Português. Na realidade dos dados, esses resultados revelam que o <se> reflexivo/inerente tende a ficar adjacente a V2, o verbo que o domina sintaticamente na maioria dos casos (excetuando-se as construções em que V1 é o verbo *pôr-se/habituarse*), e o <se> indeterminador/apassivador se localiza na adjacência de V1.

Cruzando esses resultados com os do tipo de complexo verbal, constata-se que:

(i) no PE (de forma mais evidente) e no PM, a tendência verificada quanto ao valor do <se> encontra maior expressividade nos “complexos bi-oracionais com mesmo referente-sujeito” do que nas “perífrases verbais”. Tudo leva a crer que, enquanto as chamadas perífrases atuam, quanto à ordem dos clíticos, como uma unidade léxico-gramatical – de modo que cada “sub-corpus” apresentou o que é sistemático para a ordem dos clíticos na variedade –, o complexo bi-oracional com mesmo referente-sujeito favorece a adjacência do clítico, especialmente o <se> reflexivo/inerente, ao verbo que determina a sua existência em termos sintáticos.

(ii) No PB, não se verificou essa diferença de comportamento por tipo de complexo: o condicionamento atestado quanto à variável “valor do *se*” ocorre tanto na ‘perífrase’ verbal quanto no complexo bi-oracional de mesmo referente-sujeito.

4.2.3. Forma do verbo não-flexionado

Essa variável contribui, sobretudo, para demonstrar o condicionamento da variante pós-CV. Comprova-se que essa posição é bloqueada pelo particípio e desfavorecida pelo gerúndio.

Complexos verbais – modalidade oral ⁷		
FORMA DO VERBO NÃO-FLEXIONADO	PE	PM
Particípio	– (0%)	– (0%)
Gerúndio	– (0%)	– (8%)
Infinitivo	+ (23%)	+ (17%)

Tabela 7. Condicionamento da variante pós-CV segundo a variável “forma do verbo não-flexionado” em dados de complexos verbais no PE e no PM

Esse quadro gradativo de aplicação da variante pós-complexo verbal ([particípio: zero variante pós-CV] > [gerúndio: +/- variante pós-CV] > [infinitivo: + variante pós-CV]) condiz com o processo de nominalização das formas do verbo, visto como uma escala de “conclusão” da temporalidade, conforme propõe GUILLAUME (apud VALIN, 1990). Nessa escala, o particípio é a forma nominal integralmente concluída, resultado de um processo em que o verbo

⁷ Não foi possível apresentar a tendência brasileira quanto à forma do verbo não-flexionado pela insuficiência de dados.

se tornou totalmente “detensivo”. O gerúndio constitui a expressão cursiva do verbo, em que uma parte da expressão verbal está concluída (em “detensão”) e outra não está (“tensão”). O infinitivo é, dos “modos quasi-nominais”⁸, a expressão puramente “tensiva” do verbo e, por assim dizer, a forma não-concluída, o Verbo em pura-potência. A figura abaixo ilustra o processo descrito:

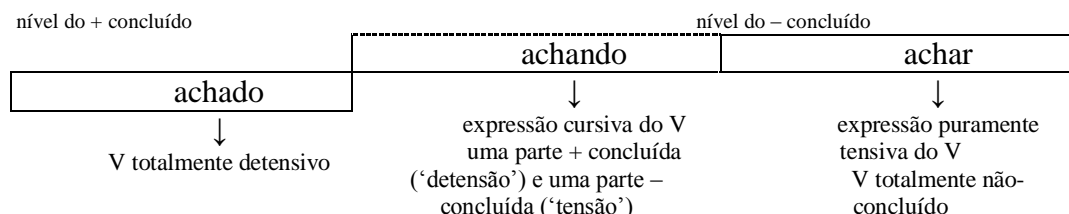


Figura 1. Escala de ‘tensão’/‘detensão’ das formas nominais do verbo na perspectiva de GUILLAUME (apud VALIN, 1990)

A ordem dos clíticos reflete a gradação proposta no modelo acima. À forma “menos nominal” corresponde a maior produtividade de ligação do clítico. O gerúndio, categoria intermediária na linha de “nominalização”, registra baixa concretização da variante pós-CV. Sendo o particípio a etapa final da perda do traço tensivo, é natural que o pronome não o acompanhe.

4.2.4. Presença de “atrator” do pronome

Cabe sistematizar, por fim, o comportamento da variável que se relaciona à “atração” pronominal, relevante nos “corpora” europeu e moçambicano.

Complexos verbais – modalidade oral		
OPERADOR DE PRÓCLISE	PE	PM
Nenhum	– (.02)	– (0%)
SN sujeito	– (0%)	– (0%)
Conjunção coordenativa	– (0%)	– (.07)
SAdv – <i>aqui</i>	+ (.85)	neutro (.44)
SAdv – <i>sempre, -mente</i> , locuções	– (0%)	– (.25)
Preposição <i>a</i>	– (0%)	– (0%)
Preposição <i>para</i> ou <i>de</i>	neutro (.36)	neutro (.44)
Partícula de negação	+ (.86)	+ (.76)
Conjunção subordinativa, int. <i>se</i> , elemento <i>que</i> , pron./adv. relativos; palavra QU-	+ (.88)	+ (.72)
Conjunção integrante <i>que</i>	+ (.88)	– (.29)
Elemento ‘denotativo’ ⁹	+ (.88)	– (.28)

Tabela 8. Condicionamento da variante pré-CV segundo a variável “presença de ‘atrator’ do pronome na oração” em dados de complexos verbais no PE e no PM

Pelo quadro acima, pode-se sistematizar o funcionamento do grupo da seguinte forma:

(1) atuam como “atratores” nas duas variedades (com maior intensidade no PE do que no PM): a partícula de negação, a conjunção subordinativa, o elemento <que> (exceto conjunção integrante), o pronome/advérbio relativo, a palavra QU-;

(2) não favorecem a variante pré-CV nas duas variedades: a ausência de operador, o SN sujeito, a conjunção coordenativa, o SAdv dos tipos *sempre/em -mente*/locução adverbial, a

⁸ Para o autor, o modo serve para datar as cronoteses (resultado de cortes no movimento do pensamento sobre um eixo em profundidade) na cronogênese. Os modos – quasi-nominais, conjuntivo e indicativo – constituiriam três graus diferentes (da intervenção na cronogênese mais precoce à mais tardia) de completude da imagem-tempo.

⁹ Esses dois elementos estão sendo apresentados separadamente, por terem admitido comportamento particular no caso do PM, embora no PE tenham sido analisados em conjunto com a variante anterior.

preposição <a>; apresenta índice da variante pré-CV compatível com a regra geral das variedades as preposições <para> e <de>;

(3) apresentam comportamento diferenciado por variedade: SAdv do tipo <aqui>, a conjunção integrante <que> e o elemento “denotativo”, os quais atuam como “atratores” no PE e não o fazem no PM.

Como se pode observar, a atuação dos “atratores” do pronome átono constitui forte elemento condicionador da variante pré-CV no PE e no PM. Observando-se as tendências gerais, essa operação intensifica-se, especialmente, nos contextos com <se> indeterminador/apassivador ou quando a segunda forma verbal é o participio.

5. Considerações finais

De modo geral, podem-se indicar as seguintes tendências para a ordem dos clíticos nos complexos verbais:

(i) É quase categórica, nas três variedades, a posposição do clítico acusativo de terceira pessoa aos complexos verbais (*vai encontrá-lo*).

(ii) O <se> reflexivo/inerente tende a ficar adjacente a V2 (*deve sentar-se ou deve se sentar*) – verbo que o domina sintaticamente na maioria dos casos (excetuando-se as construções do “corpus” em que V1 é o verbo *pôr-se/habituarse*) – e o <se> indeterminador/apassivador localiza-se na adjacência de V1 (*deve-se estudar ou deve se estudar*).

(iii) A ordem dos clíticos nos complexos verbais é sensível ao tipo de estrutura da seguinte forma:

→ Nas construções causativas/sensitivas: o clítico complemento de V1 fica na adjacência do V1 nas três variedades (*mandei-o sair ou o mandei sair*).

→ Nos complexos dos tipos “perífrase verbal” e “bi-oracional com mesmo referente-sujeito”: (a) nas variedades européia e moçambicana, as perífrases, atuando como uma unidade léxico-gramatical, registram a distribuição das variantes consoante o condicionamento geral dessas variedades (*deve-se estudar*), enquanto os complexos bi-oracionais de mesmo referente sujeito registram maior número de casos de pronomes após V2 (*quer encontrar-se*), do qual eles são, na maior parte das vezes, complementos; (b) no PB, o pronome, tanto nas perífrases quanto nos complexos bi-oracionais, aparece imediatamente anteposto à segunda forma verbal (*deve se estudar / quer se encontrar*)

(iv) a forma do participio, dado o seu caráter ‘detensivo’ não acolhe pronome átono (**encontrado-o*).

A sistematização dos resultados sugere que os contextos com complexos verbais constituem fonte fundamental para avaliar, de um lado, o que constitui característica geral do Português e, de outro, os parâmetros adotados em cada variedade. Ademais, servem de base ao estudo da natureza do pronome em relação aos níveis da gramática – objeto de estudo da pesquisa mais ampla em que este trabalho se insere.

6. Referências bibliográficas

DUARTE, Inês et alii (2001) Clíticos especiais em Português Europeu e Brasileiro. Texto apresentado ao II Congresso Internacional da ABRALIN.

MATEUS, Maria H. M. et alii (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina

VALIN, R. et alii (ed.) (1990) *Leçons de Linguistique de Gustave Guillaume*. Paris: PUF.

VIEIRA, Silvia R. (2002) *Colocação pronominal nas variedades brasileira, européia e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. (Tese de Doutorado)